



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

RELAÇÃO ENTRE AUTOEFICÁCIA E COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: UM ESTUDO COM GRADUANDOS DE ADMINISTRAÇÃO E CONTÁBEIS

*Suzete Antonieta Lizote - UNIVALI
Miguel Angel Verdinelli - UNIVALI*

RESUMO

Nesta pesquisa, desenvolvida com alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis de uma universidade comunitária de Santa Catarina, se analisou o relacionamento entre suas competências empreendedoras e a autoeficácia que declararam ter. Para tanto se realizou uma *survey* com questionário com os graduandos dos sétimos e oitavos períodos que foram aprovados na disciplina de empreendedorismo e estudam em cursos noturnos. Os dados processaram-se com técnicas estatísticas univariadas: análise de correlações e de variância. No marco teórico apresentaram-se os dois temas relacionados à problemática do estudo, assinalando-se os instrumentos de coleta utilizados. Os resultados obtidos analisaram-se de modo individual por período e por curso e de maneira conjunta, mostrando as relações que se constata em cada situação entre autoeficácia e competências empreendedoras. O mesmo procedimento foi usado nas Anovas, tendo como preditores o período, o gênero e, quando a análise conjunta, também o curso. As análises e contrastes avaliados permitem concluir que o período tem importância conforme o curso, com o sétimo período de Administração mostrando maior número de correlações significativas do que o oitavo e acontecendo o inverso para Contábeis. Este curso, por sua vez, nas análises conjuntas, demonstra ter médias maiores de competências e autoeficácia. Estudos desta natureza são importantes para a melhoria das práticas docentes, uma vez que possibilitam dispor de um diagnóstico de base para a definição das estratégias necessárias à consecução de um ensino superior que seja direcionado não apenas à atenção da empregabilidade do graduado, mas contribuir no aprendizado do empreender.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Competências; Autoeficácia; Ensino Superior.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

1 INTRODUÇÃO

A estratégia empresarial apresenta inúmeros desafios, por exemplo, as frequentes mudanças que ocorrem no ambiente de negócios. Para enfrentá-las e ainda prosperar, torna-se necessário que os gestores contem com atributos que os destaquem frente à concorrência.

Se o ambiente for considerado com base numa visão cognitiva, por oposição à corrente que sustenta a sua existência real, a competência de administradores e funcionários é fundamental. Eles precisam saber reconhecer, interpretar e implementar estratégias que, por uma parte garantam a continuidade da empresa e por outra forneçam vantagens competitivas. Pois sendo as mudanças comuns a todas as organizações, aquelas que saibam alterar sua base de recursos e capacidades serão as que se sobressaíam (ARAÚJO *et al.*, 2006).

A rápida adequação organizacional é interpretada como uma capacidade ou orientação empreendedora, a que pressupõe proatividade, inovatividade e assunção de riscos. Se o gestor for empreendedor ele será capaz de identificar oportunidades de mercado e desenvolver uma visão própria sobre os negócios em situações onde os outros nada ou pouco enxergam. Além disso, eles têm energia, esperança e paixão pelo que fazem (DORNELAS, 2003).

O espírito empreendedor é uma característica distintiva de um indivíduo ou, ainda, de uma organização. No início do século XX, Schumpeter (1911, 1949), definiu empreendedorismo como o assumir riscos e responsabilidades no desenho e implementação de um novo negócio ou na transformação de um já existente. Inseriu na sua definição a ideia de destruição criativa ao se referir ao processo de mudanças que acompanha às inovações radicais. Ou seja, para o autor, o empreendedorismo é uma atividade que muda o equilíbrio existente, sendo a inovação a principal característica. Por sua vez, McClelland (1971) considera empreendedor ao criador de uma nova empresa ou ao administrador que tenta melhorar uma unidade organizacional pela introdução de mudanças produtivas. A partir das pesquisas de McClelland se deu início ao estudo das competências empreendedoras como condição necessária ao sucesso das iniciativas empreendedoras.

Os fatores que podem levar um indivíduo a ser um empreendedor são muitos e, segundo McGee *et al.* (2009) consistem em uma combinação de atributos pessoais, experiências, traços e contexto. As duas dimensões responsáveis pelo interesse em empreender, afirmava Bird (1988), são os domínios individuais e as variáveis contextuais. As dimensões contextuais apontam que o suporte e as influências ambientais têm impacto nas intenções empreendedoras (FINI *et al.*, 2009). No que tange aos domínios individuais, características como propensão à tomada de risco e autoeficácia, em conjunto com as competências e habilidades desenvolvidas, influenciam as intenções empreendedoras (ZHAO *et al.*, 2005).

A teoria da autoeficácia foi apresentada por Bandura em 1977. Trata-se de um traço de personalidade que afeta a motivação para realizar com sucesso as tarefas ou o grau de tolerância para enfrentar determinadas situações adversas e a percepção individual acerca do risco. Ainda, segundo o autor, os indivíduos com maior autoeficácia são mais capazes de perseguir e persistir numa tarefa do que aqueles que a tem em menor escala.

Na concepção de Martínez e Salanova (2006) as crenças de eficácia se constroem com base nos juízos sobre as capacidades possuídas. Desta forma, pessoas com as mesmas capacidades, porém com diferentes crenças, em função destas, podem ser bem ou mal sucedidas. Tais



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

juízos de autoconfiança, segundo Azzi e Polydoro (2006) podem estar relacionadas a domínios específicos, com percepção de elevada autoeficácia em determinado domínio e baixa em outro. O que leva a considerar a importância deste traço da personalidade no sentido de prosperar a partir do conhecimento obtido e utilizado.

Assim sendo, a presente pesquisa busca dar resposta à seguinte pergunta: *Como se relacionam a autoeficácia empreendedora com as competências empreendedoras nos graduandos dos cursos de Administração e de Ciências Contábeis?*

No intuito de dar resposta a tal questionamento estabeleceu-se como objetivo geral neste estudo, desenvolvido com alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis de uma universidade comunitária de Santa Catarina, analisar o relacionamento entre suas competências empreendedoras e a autoeficácia que declararam ter. Para tanto, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- 1) Mensurar as competências empreendedoras segundo o modelo de Cooley (1990, 1991), validado por Lenzi (2008).
- 2) Medir a autoeficácia empreendedora através da escala de De Noble, Jung e Ehrlich (1999), validada para o espanhol por Moriano, Palací e Morales (2006).
- 3) Avaliar os constructos para cada curso e em conjunto considerando o período e gênero do aluno.

Estudos desta natureza podem contribuir significativamente para as práticas docentes buscando direcionar as ações no âmbito do ensino superior que estimulem a presença dos empreendedores como futuros agentes de inovação. Do mesmo modo, os resultados alcançados e sua articulação com o referencial teórico, podem permitir planejar ações que contribuam para a área do empreendedorismo em outros níveis educacionais.

O presente artigo está estruturado em 6 seções, iniciando com esta introdução; a seção 2 apresenta o marco teórico; à que segue a abordagem metodológica na seção 3. Os resultados são apresentados na quarta seção, na quinta são feitas as considerações finais da pesquisa e, por último, disponibilizado o referencial bibliográfico utilizado.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Autoeficácia Empreendedora

A teoria da autoeficácia foi aplicada, por alguns autores no estudo da intenção empreendedora. Boyd e Vozikis (1994); Chen, Green e Crick (1998); De Noble, Jung e Ehrlich, (1999) evidenciaram a existência de uma relação positiva entre os dois constructos. Krueger e Brazeal (1994), já haviam encontrado os mesmos resultados entre a referida teoria e a viabilidade das intenções empreendedoras.

Para pesquisar o comportamento empreendedor Markman, Blakin e Baron (2002) sugerem considerar a eficácia em um sentido amplo e geral, enquanto outros autores, como Chen *et al.* (1998), utilizaram escalas. Em 1999 De Noble, Jung e Ehrlich desenvolveram uma escala para medir a autoeficácia empreendedora – *Entrepreneurial Self-Efficacy* – ESE - validada para o



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

espanhol por Moriano, Palací e Morales (2006), composta por vinte e três itens, com escala de cinco pontos. Esse instrumento contém as principais tarefas que deve desenvolver um empreendedor para ter êxito em seu próprio empreendimento, das quais se destacam:

1) o desenvolvimento de novos produtos e oportunidades de mercado: refere-se a um conjunto de habilidades relacionadas ao reconhecimento de oportunidades. Esta dimensão, para diversos autores é considerada essencial para o sucesso de um novo negócio (CHEN *et al.*, 1998; CHELL, 2000; KRUEGER Jr. *et al.*, 2000);

2) ser inovador: se concentra na capacidade do indivíduo de estimular a criatividade, iniciativa e a responsabilidade das que pessoas que consigo trabalham;

3) relações com investidores: utilizar redes sociais para estabelecer contatos, procurando, também a melhor forma de obter capital necessário para iniciar seu negócio próprio (EHRlich *et al.*, 1994);

4) definir o objetivo do negócio: esta dimensão é essencial, pois se um indivíduo não consegue estabelecer a meta principal, provavelmente não terá motivação para iniciar seu próprio empreendimento;

5) lidar com mudanças inesperadas: diz respeito a saber trabalhar na incerteza; e,

6) recursos humanos: capacidade de atrair e reter pessoas competentes na criação de uma nova empresa.

2.2 Competências Empreendedoras

McClelland, na década de 1970, realizou diversos estudos relacionados ao termo competências, e na década seguinte foi explorado por Boyatzis (1982) no contexto gerencial, argumentando que são aspectos verdadeiros ligados à natureza humana. São comportamentos observáveis que determinam, em grande parte, o retorno para a organização.

Com este mesmo enfoque, Spencer e Spencer (1993), argumentavam que a competência refere-se às características intrínsecas do indivíduo que influencia e serve de referencial para seu desempenho no ambiente de trabalho. Complementando os estudos de Spencer e Spencer, que tinham sido iniciados vários anos antes, as pesquisas de Cooley (1990, 1991) pontuavam que a competência se manifesta através de ações nas quais há entrega e não apenas estoque de conhecimentos, habilidades e atitudes.

Segundo Zarifian (2001), para ser identificada e compreendida, a competência do indivíduo precisa ser observada na ação. A maneira como o sujeito articula seus recursos para enfrentar situações de trabalho e de sua vida pessoal resulta na expressão da mesma. Para Le Boterf (2003) competência é assumir responsabilidades em face das situações de trabalho complexas, buscando lidar com eventos inéditos, surpreendentes, de natureza singular. Fleury (2002), em conformidade com Cooley, reforma a estrutura dada por Le Boterf, enfatizando que competência é um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo.

Paiva Jr. *et al.* (2006) consideram que as competências são necessárias nos níveis grupais, individuais, organizacionais e societários e que as competências empreendedoras refletem ações eficazes do dirigente de perfil empreendedor, enquadrando-se no nível individual.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Anteriormente, Fleury e Fleury (2004) já tinham identificado que as competências em âmbito organizacional e individual são tarefas trabalhosas e criativas e podem ser um fator diferencial perante o mercado.

No contexto organizacional as competências individuais, entre outros benefícios, devem ser consideradas como fontes de inovação, transferência de conhecimento, mobilização de pessoas, aprendizado, além de agregarem valor econômico e social para a organização (MUNHOZ, 2011). Desta forma, a gestão por competências é uma maneira avançada de administrar pessoas e empresas, na qual o desafio organizacional é transformar as competências individuais em um diferencial competitivo (GIRARDI *et al.*, 2009). Diante do exposto, percebe-se que as ações empreendedoras associam-se com as competências, por elas representarem a capacidade de relacionamento em rede, a capacidade de gestão, o senso de identificação de oportunidades, o posicionamento em cenários conjunturais e o comprometimento com interesses individuais e da empresa (MAMEDE; MOREIRA, 2005).

Nos estudos sobre empreendedorismo sempre houve interesse em identificar as competências empreendedoras e assim poder relacioná-las com diversos aspectos dos empresários e dos negócios que eles desenvolvem. Zarifian (2001) argumenta que as competências são necessárias nos diversos níveis, mas que as empreendedoras refletem ações eficazes do dirigente de perfil empreendedor.

Para desenvolver pesquisas sobre este tema tem-se criado diversas classificações. E, dentre as existentes escolheu-se usar neste estudo a empregada por Lenzi (2008), que se fundamenta nos trabalhos de Cooley (1990, 1991). Nela se destacam dez características de condutas empreendedoras, reunidas em três grupos: conjunto de realização, de planejamento e conjunto de poder. Sua mensuração se faz por trinta indicadores, sendo três para cada competência.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Os dados para esta pesquisa foram colhidos junto aos alunos do último ano, sétimo e oitavo semestres, dos cursos de Ciências Contábeis e Administração numa universidade comunitária de Santa Catarina. Para tanto foi feita uma *survey* através de questionário de autopreenchimento. Foram incluídos na análise dados dos graduandos que estudavam no período noturno e que já tinham sido aprovados na disciplina Empreendedorismo, que é ministrada em ambos os cursos.

O instrumento de coleta esteve organizado em três blocos. O primeiro destinou-se a levantar dados do respondente: período em que estava no curso e gênero. O segundo bloco esteve composto por 23 itens conforme a escala “*Entrepreneurial Self-Efficacy*” de De Noble *et al.* (1999). Ao igual que na proposta original, validada na Espanha por Moriano *et al.* (2006), empregou-se um formato tipo Likert de 5 pontos, que vai desde “completamente incapaz” (1) até “completamente capaz” (5). Os valores atribuídos pelos respondentes se trabalharam de maneira somativa, isto é, como uma pontuação única, medindo a autoeficácia empreendedora total (ET), e também a partir das seis subescalas do instrumento: 1) SE1: desenvolvimento de produtos e oportunidades de mercado; 2) SE2: construção de um ambiente de inovação; 3) SE3: definição do principal objetivo do negócio; 4) SE4: desenvolvimento de recursos



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

humanos chave para a empresa; 5) SE5: estabelecimento de relação com possíveis inversores; e, 6) SE6: capacidade de enfrentar mudanças não previstas.

No terceiro bloco, conforme a proposição de Cooley (1990, 1991) e empregada por Lenzi (2008) e por Lizote (2013), obtiveram-se respostas a dez competências empreendedoras, agrupadas em três conjuntos. No de realização incluem-se cinco: 1) BOI: busca de oportunidades e iniciativas; 2) CRC: correr riscos calculados; 3) EQE: exigência de qualidade e eficiência; 4) PER: persistência; e, 5) COM: comprometimento. No conjunto de planejamento contemplam-se três competências: 1) BDI: busca de informação; 2) EDM: estabelecimento de metas; e, 3) PMS: planejamento e monitoramento sistemáticos. Finalmente, no conjunto de poder há duas: 1) PRC: persuasão e rede de contatos; e, 2) IAC: independência e autoconfiança. Essas dez competências foram medidas com trinta itens, contemplando três asseverações para cada uma delas. Os alunos deviam responder aos itens numa escala de cinco pontos. Posteriormente, as três pontuações se somaram e alcançando um valor igual ou superior a 12 considerou-se que estava manifesta a competência.

Os cento e quarenta e cinco (145) questionários preenchidos, sendo setenta e cinco (75) dos alunos de Administração e setenta (70) de Ciências Contábeis, foram organizados em uma planilha Excel®, na qual se fez o pré-tratamento dos dados (HAIR Jr. *et al.*, 2009). Identificaram-se quatro questionários, 3 de Administração e 1 de Contábeis, onde faltavam as respostas para o bloco das competências e, portanto foram descartados. A seguir excluíram-se dez outros questionários, 1 de Administração e 9 de Contábeis, de alunos que não tinham cursado ainda a disciplina de Empreendedorismo. Nos cento trinta e um questionários remanescentes computaram-se quarenta e quatro dados faltantes, quinze de autoeficácia, 5 de Administração e 10 de Contábeis, e vinte e nove no bloco das competências empreendedoras, 21 de Administração e 8 de Contábeis. O número máximo de itens deixados em branco por um respondente foi quatro, tendo acontecido com dois alunos. Como a quantidade de dados faltantes é muito pequena respeito ao máximo de 10% admitido (HAIR Jr. *et al.*, 2009) e considerando que não se associaram a nenhum padrão, optou-se por preencher as células vazias com o valor da mediana do indicador correspondente. Não houve erros de digitação e não foram detectados *outliers*. A base de dados final ficou composta por setenta e um (71) alunos de Administração, sendo 46 do sétimo período e 25 do oitavo, e sessenta estudantes de Ciências Contábeis, com 33 do sétimo semestre e 27 do oitavo.

Como os dados foram obtidos utilizando escalas de tipo Likert de cinco pontos efetuaram-se os cálculos da assimetria e curtose, pois o uso destas duas medidas, segundo Hair Jr. *et al.* (2009) possibilita avaliar a normalidade da distribuição. A assimetria tem por objetivo identificar o grau de afastamento na distribuição de frequências de uma variável da posição em que a média e mediana coincidem. Já a medida de curtose tem a finalidade de verificar o grau de elevação ou achatamento de uma distribuição de frequências. Finney e DiStefano (2006) afirmam que dados com coeficientes de até 2 de assimetria e até 7 de curtose, em valor absoluto, podem ser considerados quase normais. Todas as distribuições, isto é das somatórias da autoeficácia total e de suas subescalas e das dez competências, ficaram dentro dos valores aceitos como limite.

Os métodos estatísticos empregados foram análise de correlações lineares e análise de variância (Anova). Ambos os métodos foram trabalhados por períodos e em conjunto, tanto



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

para cada curso individualmente quanto para ambos. Foram avaliadas as correlações entre a autoeficácia declarada e mensurações das competências empreendedoras. Nas Anovas empregaram-se como preditores categóricos os períodos, os cursos e o gênero dos estudantes. As variáveis dependentes foram as subescalas da autoeficácia e a escala total, assim como as competências empreendedoras medidas como as somatórias por conjuntos e individualmente. Sempre foi considerada uma significância de 5%.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Um primeiro resultado a apresentar, em função das análises realizadas, exhibe-se na Tabela 1. Nela se mostram os valores de assimetria e curtose para os dados das somatórias da escala total e das subescalas da autoeficácia declarada pelos respondentes e das somatórias dos três itens medindo cada uma das dez competências consideradas. Pode ser observado que todos os valores se encontram dentro dos intervalos propostos por Finney e DiStefano (2006) para essas duas medidas descritivas e, portanto, as distribuições devem considerar-se quase normais.

Tabela 1 – Valores mínimos, máximos, de assimetria e de curtose para os cursos de Administração e de Ciências Contábeis calculados com os dados das somatórias da autoeficácia (ET: escala total, e SE: subescalas) e das competências empreendedoras (BOI: busca de oportunidades e iniciativas, CRC: correr riscos calculados, EQE: exigência de qualidade e eficiência, PER: persistência, COM: comprometimento, BDI: busca de informação, EDM: estabelecimento de metas, PMS: planejamento e monitoramento sistemáticos, PRC: persuasão e rede de contatos, e IAC: independência e autoconfiança).

	Administração				Ciências Contábeis			
	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose
ET	44	103	0,3772	-0,1345	52	108	0,2681	0,0631
SE1	8	23	0,1483	0,8020	9	25	0,1659	0,1845
SE2	8	19	0,2472	-0,8223	9	20	0,3660	0,2514
SE3	8	19	0,2610	-0,4330	10	20	0,2967	-0,6887
SE4	4	14	-0,0460	0,2785	7	15	0,2649	-0,2763
SE5	7	20	0,2855	0,7316	9	19	0,2413	-0,5829
SE6	6	15	0,4854	-0,5410	6	15	0,2683	-0,2812
BOI	4	14	0,2630	-0,3673	3	15	-0,0024	0,1487
CRC	5	15	-0,0527	-0,2525	4	15	-0,4681	0,5387
EQE	4	15	-0,1247	-0,2237	6	15	0,0627	-0,9010
PER	8	15	-0,1499	0,1573	7	15	-0,6186	-0,5462
COM	8	15	-0,5826	-0,2232	6	15	-1,0559	0,5803
BDI	7	15	0,0135	-0,9024	7	15	-0,2813	-0,8082
EDM	3	15	0,1718	0,2074	6	15	-0,5580	-0,5374
PMS	4	15	-0,5276	0,0178	6	15	-0,2739	-0,6572
PRC	6	15	0,0575	-0,4865	6	15	-0,2344	-0,5238
IAC	6	15	-0,0902	-0,3747	5	15	-0,2267	-0,2845

Fonte: dados da pesquisa.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Adicionalmente cabe assinalar que a análise de variância com uma só variável dependente é muito robusta frente à violação da normalidade e da homocedasticidade (HARRIS, 1975), o que acontece em geral ao se utilizar escalas do tipo Likert.

A seguir, dar-se-á sequência à pesquisa quantificando as competências empreendedoras manifestas, isto é aquelas em que a soma das pontuações para os três itens foi igual ou maior do que 12. Na Tabela 2 apresentam-se de modo percentual os resultados por períodos e totais para ambos os cursos.

Tabela 2 – Valores percentuais de alunos que manifestam competências empreendedoras. Legenda como na Tabela 1.

	BOI	CRC	EQE	PER	COM	BDI	EDM	PMS	PRC	IAC
Adm - 7 p	8,70	21,74	8,70	52,17	67,39	36,96	21,74	17,39	19,57	32,61
Adm - 8 p	20,00	20,00	24,00	52,00	88,00	60,00	16,00	28,00	36,00	32,00
Adm 7+8 p	12,68	21,13	14,08	52,11	74,65	45,07	19,72	21,13	25,35	32,39
CC - 7 p	33,33	45,45	48,48	66,67	84,85	54,55	57,58	54,55	54,55	42,42
CC - 8 p	18,52	29,63	22,22	66,67	66,67	51,85	33,33	29,63	25,93	33,33
CC 7+8 p	26,67	38,33	36,67	66,67	76,67	53,33	46,67	43,33	41,67	38,33

Fonte: dados da pesquisa.

Pela análise da tabela se confirma que para os sétimos períodos e para o curso em geral, Ciências Contábeis sempre tem percentagens maiores de alunos que pontuaram 12 ou mais para as competências do que na Administração. Já nos oitavos períodos o predomínio se alterna.

Na continuação analisam-se as correlações por períodos de cada curso, para depois avaliar as mesmas dentro do curso e finalmente para os cursos em conjunto. As Tabelas 3 e 4 mostram os resultados para os sétimos e oitavos períodos, respectivamente, das correlações entre autoeficácia, na escala total e nas seis subescalas, com as dez competências mensuradas. Da análise comparativa pode-se apreciar que nos sétimos períodos há um número maior de relações significativas. Duas subescalas, a SE2 (construção de um ambiente de inovação) e SE3 (definição do principal objetivo do negócio) se associam com significância com todas as competências empreendedoras e quatro delas (CRC, BDI, PMS e PRC) fazem-no com todas as subescalas da autoeficácia empreendedora.

Tabela 3 – Correlações medidas para o 7º período de Administração entre a autoeficácia declarada e as competências empreendedoras. Legenda como na Tabela 1.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

	BOI	CRC	EQE	PER	COM	BDI	EDM	PMS	PRC	IAC
ET	0,4053	0,5336	0,3376	0,2812	0,2750	0,5649	0,2706	0,5950	0,5984	0,4190
	p=0,005	p=0,000	p=0,020	p=0,056	p=0,061	p=0,000	p=0,066	p=0,000	p=0,000	p=0,003
SE1	0,3285	0,4152	0,1945	0,1822	-0,0986	0,3201	0,1303	0,4078	0,4579	0,2381
	p=0,024	p=0,004	p=0,190	p=0,220	p=0,510	p=0,028	p=0,383	p=0,004	p=0,001	p=0,107
SE2	0,4466	0,4922	0,4421	0,2925	0,4306	0,6775	0,3253	0,6114	0,5969	0,4568
	p=0,002	p=0,000	p=0,002	p=0,046	p=0,003	p=0,000	p=0,026	p=0,000	p=0,000	p=0,001
SE3	0,3467	0,5230	0,3727	0,3604	0,4236	0,4985	0,3391	0,6474	0,5649	0,5060
	p=0,017	p=0,000	p=0,010	p=0,013	p=0,003	p=0,000	p=0,020	p=0,000	p=0,000	p=0,000
SE4	0,2043	0,3986	0,1954	0,3049	0,2084	0,3682	0,1093	0,5981	0,5817	0,2070
	p=0,168	p=0,006	p=0,188	p=0,037	p=0,160	p=0,011	p=0,464	p=0,000	p=0,000	p=0,163
SE5	0,2551	0,3321	0,1842	0,0863	0,1420	0,3192	0,3415	0,4241	0,3510	0,3265
	p=0,083	p=0,023	p=0,215	p=0,564	p=0,341	p=0,029	p=0,019	p=0,003	p=0,016	p=0,025
SE6	0,4474	0,5380	0,3028	0,1996	0,2973	0,6513	0,1295	0,3294	0,4703	0,3888
	p=0,002	p=0,000	p=0,039	p=0,178	p=0,042	p=0,000	p=0,386	p=0,024	p=0,001	p=0,007

Fonte: dados da pesquisa.

Por sua parte, para os oitavos períodos há uma quantidade muito pequena de associações com significância. Dentre as competências apenas três possuem correlações significantes, todas elas fazem-no com a autoeficácia medida pela escala total, sendo o correr riscos calculados a que se vincula com mais cinco subescalas, exigência de qualidade e eficiência com três e planejamento e monitoramento sistemáticos com mais duas (Tabela 4).

Tabela 4 – Correlações medidas para o 8º período de Administração. Legenda como na Tabela 1.

	BOI	CRC	EQE	PER	COM	BDI	EDM	PMS	PRC	IAC
ET	0,1478	0,5245	0,5166	-0,1466	0,0214	0,2573	0,2782	0,4289	0,2482	-0,0249
	p=0,481	p=0,007	p=0,008	p=0,484	p=0,919	p=0,214	p=0,178	p=0,032	p=0,232	p=0,906
SE1	0,2095	0,5292	0,3930	-0,2318	0,1106	0,3247	0,2937	0,5090	0,1686	0,0949
	p=0,315	p=0,007	p=0,052	p=0,265	p=0,599	p=0,113	p=0,154	p=0,009	p=0,421	p=0,652
SE2	0,1829	0,4100	0,4420	-0,2224	-0,0289	0,0610	0,3120	0,3387	0,2030	0,1871
	p=0,381	p=0,042	p=0,027	p=0,285	p=0,891	p=0,772	p=0,129	p=0,098	p=0,331	p=0,370
SE3	0,0651	0,4285	0,6354	-0,0708	0,1200	0,3399	0,3592	0,4376	0,3487	-0,0270
	p=0,757	p=0,033	p=0,001	p=0,737	p=0,568	p=0,096	p=0,078	p=0,029	p=0,088	p=0,898
SE4	0,0255	0,5595	0,4717	-0,0329	0,0046	0,1683	0,1996	0,3950	0,3370	0,0991
	p=0,904	p=0,004	p=0,017	p=0,876	p=0,983	p=0,421	p=0,339	p=0,051	p=0,100	p=0,638
SE5	0,0709	0,4832	0,3774	-0,1562	-0,0047	0,3564	0,1257	0,3159	0,1291	-0,2290
	p=0,736	p=0,014	p=0,063	p=0,456	p=0,982	p=0,080	p=0,549	p=0,124	p=0,539	p=0,271
SE6	0,1874	0,3114	0,3555	0,0282	-0,1354	0,0078	0,1101	0,1907	0,1316	-0,2693
	p=0,370	p=0,130	p=0,081	p=0,893	p=0,519	p=0,971	p=0,600	p=0,361	p=0,530	p=0,193

Fonte: dados da pesquisa.

Nas Tabelas 5 e 6 exibem-se as correlações calculadas respectivamente para os sétimos e oitavos períodos do curso de Ciências Contábeis, entre as dez competências empreendedoras e a autoeficácia. Ao contrário do observado no curso de Administração são os sétimos períodos os que mostram poucas associações com significância. Neste caso são também três as competências que possuem correlação com a autoeficácia medida pela escala total: persuasão e rede de contatos e, como para o oitavo período de Administração, CRC e PMS (Tabela 5).

Tabela 5 – Correlações medidas para o 7º período de Ciências Contábeis. Legenda como na Tabela 1.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

	BOI	CRC	EQE	PER	COM	BDI	EDM	PMS	PRC	IAC
ET	0,1316	0,4035	0,1724	0,3280	0,2105	0,1438	0,0849	0,3931	0,5011	0,2118
	p=0,466	p=0,020	p=0,337	p=0,062	p=0,240	p=0,425	p=0,638	p=0,024	p=0,003	p=0,237
SE1	0,1206	0,0601	0,1814	0,1859	0,1283	0,0511	0,0659	0,3237	0,4523	0,1498
	p=0,504	p=0,740	p=0,312	p=0,300	p=0,477	p=0,778	p=0,715	p=0,066	p=0,008	p=0,405
SE2	0,0785	0,3250	0,2873	0,2755	0,3216	0,1019	0,1660	0,3877	0,5321	0,2142
	p=0,664	p=0,065	p=0,105	p=0,121	p=0,068	p=0,572	p=0,356	p=0,026	p=0,001	p=0,231
SE3	0,1321	0,3781	0,1681	0,2272	0,1872	0,0068	0,0367	0,2899	0,4732	0,0624
	p=0,464	p=0,030	p=0,350	p=0,203	p=0,297	p=0,970	p=0,840	p=0,102	p=0,005	p=0,730
SE4	0,1075	0,2555	0,1784	0,2979	0,1395	0,1340	0,0341	0,2941	0,4190	0,2211
	p=0,552	p=0,151	p=0,321	p=0,092	p=0,439	p=0,457	p=0,851	p=0,097	p=0,015	p=0,216
SE5	0,0688	0,5103	-0,0492	0,2822	0,0271	0,2207	-0,0272	0,3090	0,2333	0,1681
	p=0,704	p=0,002	p=0,786	p=0,112	p=0,881	p=0,217	p=0,880	p=0,080	p=0,191	p=0,350
SE6	0,0907	0,3687	-0,0168	0,2547	0,1555	0,1784	0,1176	0,1611	0,1149	0,1699
	p=0,616	p=0,035	p=0,926	p=0,153	p=0,387	p=0,321	p=0,515	p=0,370	p=0,524	p=0,345

Fonte: dados da pesquisa.

Nos oitavos períodos praticamente todo o conjunto de realização (BOI, CRC, EQE, PER e COM) tem correlações significativas com a autoeficácia, mensurada por ET ou as subescalas. Mas, nenhuma das medidas de autoeficácia se correlaciona com todas as competências empreendedoras (Tabela 6).

Tabela 6 – Correlações medidas para o 8º período de Ciências Contábeis. Legenda como na Tabela 1.

	BOI	CRC	EQE	PER	COM	BDI	EDM	PMS	PRC	IAC
ET	0,7349	0,5475	0,8083	0,7296	0,6250	0,4662	0,3172	0,5993	0,5463	0,5633
	p=0,000	p=0,003	p=0,000	p=0,000	p=0,000	p=0,014	p=0,107	p=0,001	p=0,003	p=0,002
SE1	0,5818	0,3973	0,6497	0,6080	0,5009	0,4910	0,2498	0,3759	0,3693	0,4603
	p=0,001	p=0,040	p=0,000	p=0,001	p=0,008	p=0,009	p=0,209	p=0,053	p=0,058	p=0,016
SE2	0,6047	0,5128	0,5590	0,5164	0,4522	0,3079	0,1626	0,5115	0,4747	0,3843
	p=0,001	p=0,006	p=0,002	p=0,006	p=0,018	p=0,118	p=0,418	p=0,006	p=0,012	p=0,048
SE3	0,6018	0,5520	0,8107	0,6717	0,5902	0,4222	0,2680	0,6149	0,5783	0,6053
	p=0,001	p=0,003	p=0,000	p=0,000	p=0,001	p=0,028	p=0,177	p=0,001	p=0,002	p=0,001
SE4	0,6625	0,5011	0,6828	0,5678	0,4680	0,2657	0,1417	0,5358	0,6451	0,4975
	p=0,000	p=0,008	p=0,000	p=0,002	p=0,014	p=0,180	p=0,481	p=0,004	p=0,000	p=0,008
SE5	0,6339	0,3346	0,5865	0,5988	0,4578	0,1990	0,1840	0,5015	0,3532	0,4330
	p=0,000	p=0,088	p=0,001	p=0,001	p=0,016	p=0,320	p=0,358	p=0,008	p=0,071	p=0,024
SE6	0,5262	0,4193	0,6768	0,5975	0,5981	0,5212	0,5614	0,4725	0,3145	0,3729
	p=0,005	p=0,029	p=0,000	p=0,001	p=0,001	p=0,005	p=0,002	p=0,013	p=0,110	p=0,055

Fonte: dados da pesquisa.

Quando a análise é feita por curso, avaliando as correlações entre a autoeficácia, medida pela escala total, com as dez competências empreendedoras também se encontram diferenças. Para o curso de Administração nem a persistência nem o comprometimento apresentam significância para a associação com ET. Já para o curso de Ciências Contábeis quem não tem correlação significativa é o estabelecimento de metas, conforme se exhibe na Tabela 7.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Tabela 7 – Correlações medidas para os cursos de Administração e de Ciências Contábeis entre a autoeficácia empreendedora medida pela escala total e as competências. Legenda como na Tabela 1.

	BOI	CRC	EQE	PER	COM	BDI	EDM	PMS	PRC	IAC
ET - Adm	0,3147 p=0,007	0,5037 p=0,000	0,4086 p=0,000	0,1635 p=0,170	0,2024 p=0,088	0,4761 p=0,000	0,2646 p=0,025	0,5377 p=0,000	0,4970 p=0,000	0,2961 p=0,012
ET - CC	0,4279 p=0,001	0,4976 p=0,000	0,4925 p=0,000	0,5436 p=0,000	0,4171 p=0,001	0,3121 p=0,015	0,2376 p=0,068	0,5258 p=0,000	0,5490 p=0,000	0,3881 p=0,002
ET Adm + CC	0,3833 p=0,000	0,5270 p=0,000	0,4678 p=0,000	0,3737 p=0,000	0,2998 p=0,001	0,4182 p=0,000	0,2820 p=0,001	0,5480 p=0,000	0,5437 p=0,000	0,3430 p=0,000

Fonte: dados da pesquisa.

Finalmente, ao calcular os relacionamentos entre as mesmas variáveis para ambos os cursos tomados em conjunto, todas as competências empreendedoras têm correlações significativas com a autoeficácia medida pela escala total, como se aprecia na Tabela 7. O resultado do processamento conjunto confirma que os constructos, competências e autoeficácia empreendedoras, têm relacionamento positivo e significativo entre si.

Seguidamente foram efetuadas as análises de variância para cada curso individualmente e de maneira conjunta. Utilizaram-se como preditores categóricos o período, o gênero e o curso, sendo as variáveis dependentes as competências tomadas como as somatórias por conjuntos e individualmente e a autoeficácia total.

Ao processar os dados do curso de Administração usando os períodos de preditor categórico não se confirmam diferenças entre as médias da ET nem para nenhum dos conjuntos das competências empreendedoras. Já para as competências tomadas individualmente em três delas, EQE, PER e PRC, os oitavos períodos têm médias maiores do que os sétimos. Quando usado o gênero de preditor, o masculino tem valores de médias maiores do que o feminino para o conjunto realização e para as seguintes competências: BOI, CRC e EQE.

Considerando os efeitos principais de ambos os preditores se confirmam diferenças para o conjunto poder com relação ao período, com o oitavo tendo uma média maior do que o sétimo. Para o conjunto realização, usando o gênero, se constata que os homens têm uma média superior às mulheres. Estas mesmas relações ocorrem ao fazer uma Anova fatorial. Finalmente, neste desenho de análise, ao tomar as competências de forma individual, BOI tem diferenças para gênero: o masculino possui média significativamente maior do que feminino. Por sua parte, EQE apresenta valores maiores para as médias dos homens se comparada com as médias das mulheres e para as do oitavo período ao se contrastar com o sétimo. Na Interação também ocorrem diferenças significantes com 5% para EQE, tendo as mulheres do sétimo período uma média menor do que os homens que cursam o oitavo.

Nas Anovas efetuadas para o curso de Ciências Contábeis com o período como preditor dos conjuntos só o de planejamento é que mostra a média do sétimo maior do que para o oitavo período. Ocorre o mesmo para as competências PMS e PRC ao serem consideradas isoladamente. Se o preditor é o gênero apenas para a busca de oportunidades e iniciativas (BOI) a média de masculino é maior do que a média de feminino.

O uso conjunto de período e gênero nas Anovas de efeitos principais confirma diferenças pelo período, com o sétimo tendo maiores médias do que o oitavo para os três conjuntos e pelo gênero para o conjunto poder, com masculino apresentando uma média maior. Ao tomar as



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

competências de modo individual em sete delas verificam-se médias significativamente diferentes, três com valores maiores para o gênero masculino (BOI, PRC e IAC) e cinco com médias maiores para o sétimo período (CRC, PER, EDM, PMS e PRC).

Nas Anovas fatoriais os três conjuntos continuam aparecendo com médias maiores para o sétimo período ao se comparar com as do oitavo e, para o conjunto poder a média de masculino é maior do que a de feminino. As mesmas relações ocorrem ao tomar de maneira individual às competências para BOI, PRC e IAC e os sétimos períodos têm médias maiores para PMS e PRC. Finalmente, com a interação se tem valores maiores da média das mulheres do sétimo período ao se comparar com as mulheres do oitavo para persistência. A mesma relação se tem para CRC e, ainda para esta competência, que os homens do oitavo período possuem uma média maior do que as mulheres desse período.

As Anovas com um único fator para a base de dados completa, isto é para ambos os cursos, mostram que para o conjunto realização e planejamento a média calculada para os alunos de Ciências Contábeis é estatisticamente maior do que a dos estudantes de Administração. Em relação com período não há diferenças e para gênero unicamente para BOI, com os homens tendo uma média maior. Nas Anovas de efeitos principais há significância quando se trabalha somente gênero e curso. Isto acontece para os conjuntos realização e poder, onde em ambos os casos as médias dos homens e as de Ciências Contábeis são maiores. No caso das Anovas fatoriais, usando os três preditores, só se verificam médias maiores para os sétimos períodos de Ciências Contábeis sendo maiores do que as do sétimo período de Administração tanto para o conjunto realização quanto para o conjunto poder.

A respeito das Anovas com a autoeficácia empreendedora, medida pela escala total, fizeram-se análises para cada curso de maneira individual e posteriormente para ambos em conjunto. No primeiro dos casos, nem para Administração nem para Ciências Contábeis, em nenhuma das três condições, Anova de um fator, de efeitos principais ou Anova fatorial, mostrou diferenças nas comparações. Quando se processaram os dados de ambos os cursos juntos no caso da Anova de um fator apenas o uso do curso como preditor acusou diferenças, tendo os alunos de Ciências Contábeis uma média de autoeficácia declarada maior do que os de Administração. Esta mesma situação acontece ao realizar uma análise de efeitos principais. Por último, nas Anovas fatoriais das diversas combinações entre os preditores se constata diferenças no caso gênero de modo individual, com os homens apresentando uma média maior. Na interação período e curso, os estudantes do sétimo semestre de Contábeis têm um valor maior de média que os alunos do mesmo período de Administração. E na interação período, gênero e curso as alunas do sétimo e os alunos do oitavo período de Ciências Contábeis apresentam médias maiores de forma significativa que as mulheres do sétimo período de Administração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diversas ocasiões tem-se recomendado que no âmbito do ensino superior se fomentasse o espírito empreendedor, possibilitando que os educandos ao se graduar não se limitem à busca do emprego, mas que sejam capazes de cria-los (UNESCO, 1998). Os participantes da Conferência Regional da UNESCO sobre Políticas e Estratégias para a Transformação da



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Educación Superior em América Latina e o Caribe já tinham declarado, após a reunião da Havana em 1996, a necessidade de introduzir métodos pedagógicos baseados na aprendizagem, com a finalidade de formar estudantes que aprendam a aprender e a empreender (UNESCO, 1998).

Neste sentido torna-se importante analisar os relacionamentos entre alguns antecedentes da ação empreendedora, dos quais se abordaram neste estudo a autoeficácia e as competências empreendedoras. Na pesquisa contemplaram-se os alunos do último ano de dois cursos da área de ciências sociais aplicadas, Administração e Ciências Contábeis, procurando que entre eles existam poucas diferenças que interfiram nas avaliações. Para tanto se consideraram os alunos que estudam no período noturno e que foram aprovados na disciplina de empreendedorismo.

A primeira constatação é que existe uma correlação positiva e significativa entre ambos os constructos. Ou seja, quando a autoeficácia que os alunos manifestam é alta as competências também o são e vice-versa, se for baixa as competências igualmente serão pouco presentes. Esta constatação se verificou para ambos os cursos tomados em conjunto.

As análises individuais dos cursos mostraram que as competências empreendedoras estão mais presentes nos alunos de Ciências Contábeis do que nos de Administração quando avaliados para o curso como um todo ou para os sétimos períodos. No caso dos oitavos períodos as predominâncias alternam-se, com maiores percentagens em um ou outro curso. No conjunto de realização predomina o curso de Administração, no de planejamento o de Contábeis e no de poder estão equilibrados.

O alinhamento entre autoeficácia, mensurada pela escala total ou pelas subescalas, e as dez competências empreendedoras ocorre de modo diferente conforme o curso considerado: nos sétimos períodos os graduandos de Administração exibem muitas correlações significativas, enquanto os de Contábeis poucas. Para os oitavos períodos a situação se inverte, com poucas correlações para Administração e muitas nos alunos de Ciências Contábeis. É mister assinalar que o foco principal da disciplina de empreendedorismo é diferente nesses cursos. Enquanto o tratamento é abrangente no de Administração, considerando as várias áreas e habilitações, no de Ciências Contábeis é mais focado. Assim sendo, os alunos do oitavo período, que sua inserção no mercado de trabalho deve estar mais definida, sentem-se mais identificados com uma das áreas laborais e, portanto, o efeito motivador que se presume possa ter a disciplina será mais bem aproveitado quando o foco for menos disperso.

O suporte desta apreciação encontra-se na interpretação das Tabelas 3 e 6, que exibem quando os alunos apresentam mais correlações entre os constructos analisados em relação ao curso e período. De sua análise observa-se que os graduandos do sétimo período de Administração apresentam correlações significativas para duas subescalas da autoeficácia com todas as dez competências consideradas, a que avalia a definição do principal objetivo do negócio (SE3) e a referida à construção de um ambiente de inovação (SE2). O que se pode associar com uma fase de definições quanto ao seu futuro profissional.

Quando se considera os alunos do oitavo período de Contábeis se constata que o conjunto de realização das competências encontra-se vinculado significativamente com a autoeficácia empreendedora, ou seja, eles declaram-se autoeficazes de maneira associada às competências



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

próprias para a execução do trabalho a desenvolver, o que se espera acontecer quando definida sua opção laboral.

Por sua parte as análises de variância efetuadas permitem ainda ter subsídios mais efetivos para o planejamento das práticas docentes, tanto ao nível dos cursos individualmente quanto a um nível superior, por exemplo, de Centro de Ciências Sociais Aplicadas ou algo equivalente, conforme a organização da instituição universitária. Nesta condição, as Anovas mostram que Ciências Contábeis têm médias maiores que o curso de Administração quando se avaliam as competências agrupadas em conjuntos. Isto acontece para o de realização e o de planejamento, sendo as médias do conjunto poder estatisticamente iguais. A mesma situação de valores médios maiores para Contábeis de constata ao avaliar a autoeficácia empreendedora medida pela escala total. Ambos os resultados fornecem informações importantes para a definição de orientações pedagógicas ao nível correspondente.

Estudos desta natureza são importantes para a melhoria das práticas docentes, uma vez que possibilitam dispor de um diagnóstico de base para a definição das estratégias necessárias à consecução de um ensino superior que seja direcionado não apenas à atenção da empregabilidade do graduado, mas contribuir no aprendizado do empreender. Assim, considerando isto, cabe sugerir o desenvolvimento de pesquisas semelhantes em outros cursos e instituições de ensino superior.

6 REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. C. *et al.* Empreendedorismo e educação empreendedora: confrontação entre a teoria e a prática. **Revista de Ciências da Administração**, v. 8, n. 15, p. 9-29, 2006.
- AZZI, R. G.; POLYDORO, S. Autoeficácia proposta por Albert Bandura. In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. (Org.). **Autoeficácia em diferentes contextos**. Campinas: Alínea, 2006. p. 9-23.
- BANDURA, A. Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v. 84, n. 2, p. 191-215, 1977.
- BIRD, B. Implementing entrepreneurial ideas: the case for intention. **Academy of Management Review**, v. 13, n. 3, p. 442-453, 1988.
- BOYATZIS, R. E. **The competent manager**. New York: John Wiley & Sons, 1982.
- BOYD, N. G.; VOZIKIS, G. S. The influence of self-efficacy on the development of entrepreneurial intentions and actions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 18, n. 4, p. 63-77, 1994.
- CHELL, E. Towards researching the “opportunistic entrepreneur”: A social constructionist approach and research agenda. **European Journal of Work and Organizational Psychology**, v. 9, n. 1, p. 63-80, 2000.
- CHEN, C. C.; GREEN, P. G.; CRICK, A. Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? **Journal of Business Venturing**, v. 13, p. 295-316, 1998.
- COOLEY, L. **Entrepreneurship Training and the strengthening of entrepreneurial performance**. Final Report. Contract. Washington: USAID, 1990.
- COOLEY, L. **Seminário para fundadores de empresa**. Manual del Capacitador. Washington: MSI, 1991.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

DE NOBLE, A.; JUNG, D.; EHRLICH, S. **Entrepreneurial self-efficacy**: the development of a measure and its relationship to entrepreneurial actions. Trabalho apresentado em “Frontiers of Entrepreneurship Research”. Waltham, 1999.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo**: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas. 2 ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

EHRLICH, S. B.; DENOBLE, A.; MOORE, T.; WEAVER, R. R. After the cash arrives: a comparative study of venture capital and private investor involvement in entrepreneurial firms. **Journal of Business Venturing**, v. 9, p. 67-82, 1994.

FINNEY, S. J.; DiSTEFANO, C. Non-normal and categorical data in structural equation modeling. In: HANCOCK, G. R.; MUELEER, R. O. **Structural equation modeling: a second course**. Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2006.

FINI, R.; GRIMALDI, R.; MARZOCCHI, G. L.; SOBRERO, M. The foundation of entrepreneurial intention, **Academy of Management Meeting**, 2009.

FLEURY, A.; FLEURY, M. T. L. **Estratégias empresariais e formação de competências**: um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira. 3 ed., São Paulo: Atlas, 2004.

GIRARDI, D.; TOSTA, K. C. B. T.; PACHECO, A. S. V. A gestão de pessoas e a gestão de competência. In: GIRARDI, D. (Coord.). **Gestão de recursos humanos**: teoria e casos práticos. Florianópolis: Pandion, v. 2, 2009.

HAIR Jr., J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM R. L. **Análise multivariada de dados**. 5 ed., Porto Alegre: Bookman, 2009.

HARRIS, R. J. **A primer of multivariate statistics**. New York: Academic Press, 1975.

KRUEGER Jr., N. F.; BRAZEAL, D. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 18, n. 1, p. 91-104, 1994.

KRUEGER Jr., N. F.; REILLY, M. D.; CARSRUD, A. L. Competing models of entrepreneurial intentions. **Journal of Business Venturing**, v. 15, p. 411-432, 2000.

LE BOTERF, G. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3 ed., Porto Alegre: ArtMed, 2003.

LENZI, F. C. **Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte**: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras. 2008. Tese (Doutorado em Administração), Universidade de São Paulo, 2008.

LIZOTE, S. A. **Relação entre competências empreendedoras, comprometimento organizacional, comportamento intraempreendedor e desempenho em universidades**. Tese (Doutorado em Administração e Turismo), Universidade do Vale do Itajaí, 2013.

MAMEDE, M. I. de B.; MOREIRA, M. Z. Perfil de competências empreendedoras dos investidores Portugueses e Brasileiros: Um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. In: **XXIX Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração** – EnANPAD, **Anais...** Brasília, DF, 2005.

MARKMAN, G. D.; BALKIN, D. B.; BARON, R. A. Inventors and new venture formation: the effects of general self-efficacy and regretful thinking. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 27, n. 2, p. 149-165, 2002.

MARTÍNEZ, I.M.; SALANOVA, M. Autoeficacia en el trabajo: el poder de creer que tú puedes. **Estudios financieros**, [s.l.], n. 45, 2006.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

- McCLELLAND, D. C. **Entrepreneurship and achievement motivation:** approaches to the science of socio-economic development. *In:* LEYGEL, P (org.). Paris: UNESCO, 1971.
- McGEE, J. E.; PETERSON, M.; MUELLER, S. L.; SEQUEIRA, J. Entrepreneurial self-efficacy: Refining the measure. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 4, p. 965-988, 2009.
- MORIANO, J. A.; PALACÍ, F. J.; MORALES, J. F. Adaptación y validación en España de la escala de autoeficacia emprendedora. **Revista de Psicología Social**, v. 21, n. 1, p. 51-64, 2006.
- MUNHOZ, C. E. **O desvelar das competências dos intraempreendedores: um estudo exploratório em empresas de serviços.** Dissertação (Mestrado em Administração) Faculdade Campo Limpo Paulista, 2011.
- PAIVA Jr., F. G. O. *et al.* A contribuição das competências empreendedoras para a formação de dirigentes em sistemas de incubação. **XXVI Encontro Nacional de Engenharia de Produção - ENEGEP, Anais...** Fortaleza, CE, 2006.
- SCHUMPETER, J. A. **The theory of economic development:** an inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle. Cambridge: Harvard University Press, 1949 (1 ed. 1911).
- SPENCER JR., L. M.; SPENCER, S. M. **Competence at work: models for superior performance.** New York: John Wiley and Sons, 1993.
- UNESCO. **Conferencia Mundial sobre la Educación Superior.** La educación superior en el siglo XXI, Visión y acción. Paris: UNESCO, Tomo 1, Informe final, 1998.
- ZARIFIAN, P. **Objetivo competência:** por uma nova lógica. São Paulo: Atlas, 2001.
- ZHAO, H.; SEIBERT, S.; HILLS, G. The mediating role of self-efficacy in the development of entrepreneurial intentions. **Journal of Applied Psychology**, v. 90, n. 6, p.1265-1272, 2005.